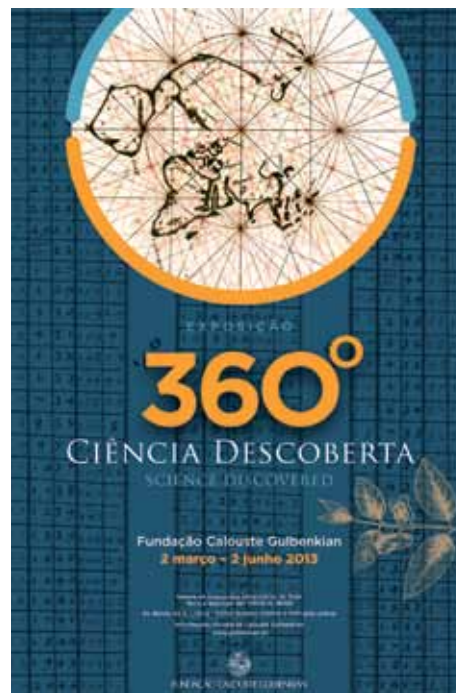


4

Uma história por contar

No dia **2 de março** abre ao público a exposição *360° Ciência Descoberta* que quer mostrar uma página muito mal conhecida da história da ciência, na qual Portugueses e Espanhóis surgem como precursores da ciência moderna do século XVII. O curador, Henrique Leitão, diz que “os fenómenos que a exposição pretende mostrar prendem-se precisamente com o modo surpreendente como Portugueses e Espanhóis lidaram com a novidade e a incorporaram”.



8

O futuro da saúde

O dia **5 de fevereiro** marcará formalmente o início de uma reflexão sobre *Saúde em Portugal: desafios para o futuro*, numa iniciativa da Fundação Gulbenkian. Nigel Crisp, antigo CEO do Serviço Nacional de Saúde inglês e membro da Câmara dos Lordes, vai presidir à Comissão que coordenará a iniciativa, convicto de que no futuro precisamos de ter “uma sociedade mais saudável e próspera, onde as pessoas deem valor à suas vidas e, em caso de necessidade, possam ter acesso a cuidados de saúde de qualidade, suportáveis em termos financeiros e sustentáveis para o sistema de saúde”.

12

Concursos em fevereiro

Educação, empreendedorismo social, património, artes e ciência, são algumas das áreas abrangidas pelos vários concursos de atribuição de bolsas e apoios da Fundação Gulbenkian. Os interessados devem enviar as suas candidaturas, de acordo com os prazos e regras dos concursos, através do site www.gulbenkian.pt

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 140.FEVEREIRO.2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | André Cunha
COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Barata | Ana Mena | Dina Gregório | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva [DDLX] | REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga | FOTO DA CAPA © Claudius Ptolomeu, *O mundo de Ptolomeu in Cosmographia* | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

“O português é uma língua íntima, para descobrir pouco a pouco”

Alessandra Zuliani está em Lisboa a preparar uma tese de doutoramento sobre Manoel de Oliveira. Com uma bolsa Gulbenkian e uma investigação sobre os modelos literários encontrados nos filmes de Oliveira, esta professora e tradutora italiana diz que não se cansa de ouvir a língua portuguesa, que escuta como “uma língua muito suave, que transmite sensações positivas”.



© Rodrigo de Souza

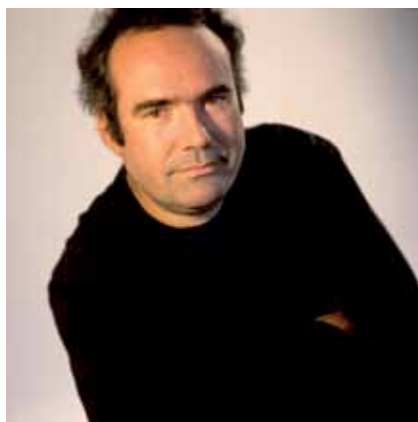
Posso escrever sobre mim?

Na secção **Um outro Olhar**, a professora Maria Bárcia e a artista Maria Gil contam o seu projeto de incentivar os estudantes do ensino secundário a escreverem em português. Frente a alunos com dificuldades, a dupla – professora e artista – apostou numa estratégia autobiográfica que resultou em pleno e que despertou o interesse pela língua portuguesa nos alunos adolescentes. A sua iniciativa integra o projeto **10x10** do Programa Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência

Festival Debussy+

De **14 a 22 deste mês**, a Gulbenkian Música (em parceria com o Instituto Francês de Portugal e a Escola Superior de Música de Lisboa) apresenta o Festival Debussy +, que propõe uma programação variada que inclui concertos, filmes, exposições, conferências e *masterclasses*.

Le Martyre de Saint Sébastien e um concerto dirigido por Marc-André Dalbavie (compositor residente) são os pontos altos do programa.



índice

primeiro plano

4 **360° Ciência Descoberta**

notícias

8 **O futuro da saúde – Nigel Crisp**

10 **Novos administradores não executivos da Fundação**

10 **Candidaturas ao Prémio Gulbenkian**

11 **Retorno do Concurso de Empreendedorismo Social**

12 **Candidaturas ao Programa de Doutoramento do IGC**

12 **Concursos em fevereiro**

13 **Prémio Keith R. Porter para investigadora do IGC**

13 **A ciência que passa no ecrã**

14 **Cientistas de renome no IGC**

15 **A solidão faz mal à saúde**

16 **breves**

bolseiros gulbenkian

17 **Alessandra Zuliani**

um outro olhar

20 **Maria Bárcia e Maria Gil**

em fevereiro

música

22 **Festival Debussy+**

exposições

24 **CAM**

atividades educativas

27 **Descobrir – Especial Carnaval**

28 **novas edições**

29 **catálogos de exposições**

uma obra

30 **Espera**





Globo Celeste de Christoph Schissler, o Velho, 1575. © Palácio Nacional de Sintra

360° Ciência Descoberta

Uma história por contar

Depois da exposição As Idades do Mar, dedicada à pintura europeia e visitada por mais de 50 mil pessoas, a sala de exposições da Sede vai acolher uma mostra sobre a ciência no tempo dos Descobrimentos, onde o mar continua a estar presente já não como fonte de inspiração de artistas, mas nas rotas dos navegadores portugueses e espanhóis dos séculos XV e XVI ao encontro do Novo Mundo.

Intitulada 360° Ciência Descoberta, esta exposição pretende fazer luz sobre uma página muito mal conhecida da história da ciência, na qual Portugueses e Espanhóis surgem como precursores da ciência moderna do século XVII. Segundo o curador, Henrique Leitão, investigador do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, nunca descobrimos o tom certo para contar esta história, onde não há génios como Copérnico, Galileu ou Kepler, mas há um modo fascinante de acumular e gerir o conhecimento,

que se tornou caso único na Europa. Nesta entrevista, Henrique Leitão adianta o que se poderá ver na exposição que abre portas a **2 de março**, na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação.

QUAL É O PRINCIPAL FOCO DA EXPOSIÇÃO?

Queria começar por sublinhar que não se trata de mais uma exposição sobre os Descobrimentos portugueses, mas sim de uma exposição que pretende revelar os contributos científicos dos Portugueses e Espanhóis nos séculos XV e XVI, durante o período das grandes navegações oceânicas, mostrando o impacto que tiveram no eclodir da ciência moderna. É um convite a um novo olhar sobre a nossa História, revelando aspetos desconhecidos do nosso passado científico e lançando luz sobre uma série de fenómenos notáveis associados às viagens empreendidas pelos povos ibéricos e que estiveram na base da modernidade científica.

A QUE FENÓMENOS SE REFERE?

A vários, a começar pela revelação dos contornos geográficos da Terra, que passou de coisa conceptual a coisa real. O mundo até então era algo de fechado, de local. Subitamente, dá-se uma abertura de horizontes com a descoberta de um mundo vastíssimo e totalmente novo. A exposição dará exemplos da evolução dos mapas que, por obra de Portugueses e Espanhóis e em resultado da informação recolhida no decorrer das suas viagens, foram em meia dúzia de décadas passando da forma compacta tipicamente medieval, para a que hoje conhecemos. Mas não foi só na construção da imagem do mundo. No mundo medieval, a incorporação do novo era uma operação rara porque a novidade era muito escassa, mas com as viagens marítimas tudo mudou. Ora, os fenómenos que a exposição pretende mostrar prendem-se precisamente com o modo surpreendente como os Portugueses e os Espanhóis lidaram com a novidade e a incorporaram.

PODE ESPECIFICAR?

A chegada de cada navio representava a chegada de uma quantidade imensa de novos testemunhos de terras, animais, plantas, raças e costumes que provinham do contacto com um mundo desconhecido. Estas novas informações fizeram não só vacilar muitas certezas antigas, como sobretudo obrigaram a modos novos de as incorporar. Isto repre-



Armadillo de Indias, página do Atlas de historia natural, El códice de Jaume Honorat Pomar: plantas y animales del viejo mundo y de América. © Biblioteca Universitat de València

sentou um extraordinário legado para o mundo das ideias, para a história mental: a novidade passa a ser a regra e não a exceção. É muito difícil crer que a modernidade científica do século XVII tivesse sido possível sem esta revolução operada pela explosão de novidades e de conhecimento, que passou a ser sistematizada de um modo rigoroso.

DE QUE MODO ESSE CONHECIMENTO ERA SISTEMATIZADO?

De um modo verdadeiramente notável. Portugal e Espanha criaram aquelas que foram possivelmente as primeiras instituições de gestão do saber na Europa: a Casa de la Contratación, em Espanha, e os Armazéns da Índia, em Portugal. A primeira obrigação destas instituições prendia-se com a logística administrativa e militar das viagens marítimas, mas começaram também a acolher e a organizar as novas informações que iam chegando. Por exemplo, as muitas novas plantas recolhidas eram observadas e as suas propriedades – curativas, por exemplo – eram analisadas e sujeitas a validação por médicos nacionais. Estas instituições passaram então a responsabilizar-se pela gestão deste saber e até pela atribuição de preços aos produtos que seriam postos à venda. Um dos campos em que esta dinâmica se fez sentir mais foi, como se calcula, a Cartografia.

COMO SE FAZIA A ATUALIZAÇÃO DOS MAPAS?

Existia um mapa-padrão que era o modelo de todos os outros e que ia incorporando os resultados das observações que se iam fazendo no decorrer das viagens. Este mapa estava permanentemente a ser atualizado pelos cartógrafos dessas instituições ibéricas. A exposição apresenta, aliás, uma versão animada da transformação do mundo, através de uma mapa que vai lentamente mudando de forma, adquirindo os contornos testemunhados pelos viajantes ibéricos, até atingir a forma que hoje conhecemos.



Bis Arundo, página do Atlas de historia natural, El códice de Jaume Honorat Pomar: plantas y animales del viejo mundo y de América. © Biblioteca Universitat de València



Planisfério Terrestre de Claudio Ricardo, 1630. © Madrid, Museo Nacional de Ciencia y Tecnología

É COMO SE GERIA A RESTANTE INFORMAÇÃO QUE IA CHEGANDO?

Houve, nos dois países, um esforço de sistematização do conhecimento acumulado, gerido pela Coroa, que tratou de implementar uma estrutura normativa, através de decretos e regulamentos. Em cada viagem, os pilotos eram instruídos sobre um conjunto muito preciso de observações que deviam levar a cabo e que incluía informações sobre latitude, declinação magnética, correntes marítimas, fauna e flora, etc. Essa informação era depois entregue ao cosmógrafo-mor, que garantia a organização deste novo saber.

UM SABER QUE ERA TRANSMITIDO PELOS MARINHEIROS...

Exatamente. Dá-se um fenómeno absolutamente surpreendente na História da Europa, que foi a transferência de credibilidade dos livros para o testemunho direto. A tripulação dos navios era composta por gente muito simples, pouco instruída, marinheiros, soldados, pilotos, que registavam toda a espécie de novidades. Estes factos eram depois tidos como credíveis e válidos para questionar o saber das autoridades e dos livros: um fenómeno notável. Outro fenómeno muito interessante e novo foi ter passado a haver gente muito simples a fazer observações astronómicas, a consultar tabelas numéricas, a fazer contas e a usar instrumentos científicos.

QUE TIPO DE INSTRUMENTOS?

Nesse período assistiu-se a um grande desenvolvimento das técnicas de navegação relativamente às usadas no Mediterrâneo, que eram um pouco rudimentares. Navegar

no oceano Atlântico, pela sua dimensão, obrigava a recorrer a instrumentos mais sofisticados e precisos, com técnicas baseadas na Astronomia e conteúdo matemático. Os Portugueses e os Espanhóis conseguiram habilitar muitas centenas de homens de um nível baixo da sociedade para este trabalho, naquilo que foi um fenómeno nunca antes visto de transferência de conhecimentos técnicos para os estratos pouco instruídos da população.

É COMO ERA DADA ESSA FORMAÇÃO?

Na altura existiam poucos astrónomos ou matemáticos competentes e, portanto, eram escassas as pessoas capazes de fazer as medições e os cálculos matemáticos. De repente, foi preciso formar uma imensa quantidade de pessoas com um conjunto mínimo de competências técnicas e científicas. Isto obrigou à criação de espaços de formação fora das universidades, levando ao surgimento, pela primeira vez na Europa, de escolas técnico-científicas e ao aparecimento de profissionais intermédios entre o mundo universitário e o da artesanaria. Outra consequência foi o grande incremento do vernáculo como língua técnica. Tudo isto são fenómenos da maior importância para o surgimento da ciência moderna.

QUE REPERCUSSÃO TEVE TUDO ISTO NA EUROPA?

A Europa estava, na altura, de olhos postos na Península Ibérica; muitos observadores, para não lhes chamar “espiões”, deslocavam-se aos principais centros para recolher informação, que depois atravessava fronteiras e circulava com muita rapidez. No século XVII, as grandes potências marítimas

mas olhavam para Portugal e Espanha como o exemplo a seguir a vários níveis. Não eram só os mapas que eram copiados, também as técnicas e o tipo de ensino técnico que se ministrava, a estrutura das instituições. Há muitos textos que o comprovam.

POR QUE RAZÃO ESTA HISTÓRIA NÃO É CONTADA?

Sobretudo por uma razão simples: até há cerca de 50 anos, a história da ciência era centrada nos grandes vultos: Copérnico, Galileu, Kepler, Newton. Pulávamos de génio em génio e como nenhum deles era ibérico, Portugal e Espanha ficavam literalmente fora. Quando os historiadores de ciência começaram a duvidar deste tipo de narrativa heroica e começaram a alargar o horizonte de análise, incorporando outros atores, as práticas, as instituições, os objetos, etc., o contributo ibérico impôs-se de forma inequívoca. Vários especialistas mundiais (alguns dos quais virão à Fundação Gulbenkian proferir conferências em torno da exposição) começaram recentemente a reconhecer a ação precursora dos Portugueses e dos Espanhóis, devolvendo-lhes o protagonismo esquecido pela narrativa histórica.

QUE PEÇAS SERÃO MOSTRADAS?

Serão mostradas algumas peças inéditas que nunca foram vistas em Portugal e que constituem marcos, pelo seu caráter científico, técnico ou simbólico, ilustrando com eloquência este período de ouro do empreendedorismo ibérico. Entre elas, contam-se manuscritos, mapas, instrumentos, livros e produtos naturais. Daria talvez destaque a alguns dos mapas magníficos que serão expostos. De Itália, virá o único manuscrito que existe de Pedro Nunes, o grande matemático português, e que nunca foi exposto no nosso país. Em exposição estará também o primeiro globo que existiu na China, do princípio do século XVII, e que tem a particularidade de mostrar pela primeira vez naquele continente, a forma esférica da Terra.



Henrique Leitão © Mária Lessa

E QUE FIGURAS SERÃO DESTACADAS?

Esta exposição não procura heróis. Claro que fará referência a nomes conhecidos como Pedro Nunes ou Garcia de Orta, mas centra-se sobretudo no esforço comum que envolveu pilotos, cosmógrafos, matemáticos, naturalistas e muitos outros, esforço ignorado por uma historiografia internacional focada nos génios da ciência, e por uma historiografia nacional dada a extremos, oscilando entre triunfalismos e derrotismos.

Uma parede repleta de nomes homenageia cerca de três centenas de pessoas que deram o seu contributo, e que são apenas uma pequena parte de uma multidão que viveu um extraordinário período da História, heróis anónimos de uma página que a História da Ciência saltou e a quem esta exposição pretende fazer justiça. Deixem-nos agora contar a nossa História. ■

360º CIÊNCIA DESCOBERTA

CONFERÊNCIAS

Especialistas de várias Universidades europeias e americanas vão aprofundar o contexto histórico desta exposição no âmbito de um ciclo de sete conferências iniciado no mês passado.

A sessão inaugural, subordinada ao tema Enciclopedismo e Circumnavegação nos séculos XVI a XVII teve como orador Juan Pimentel do Instituto de Historia de Madrid e pode ser visionada em <http://www.livestream.com/fcglive>. Este mês, no **dia 13**, Florike Egmond, professora da Universidade de Leiden, abordará as relações entre portugueses e holandeses na investigação e estudo da

natureza. Em Março, também no **dia 13**, Annemarie Jordan, do Centro de História de Além-Mar de Lisboa propõe um tema de peso: Os paquidermes do Rei D. Manuel I. Elefantes e outra exótica na menagerie da corte portuguesa.

Ainda em Março, no **dia 15**, Maria Portuondo, professora na Johns Hopkins University dos EUA, falará sobre Segredos e Longitudes.

As conferências realizam-se às 18h no Auditório 2, com entrada livre. O programa completo pode ser consultado em www.gulbenkian.pt.

O futuro da saúde

Plataforma Gulbenkian

O dia 5 de fevereiro marcará formalmente o início de uma reflexão sobre Saúde em Portugal: desafios para o futuro, numa iniciativa do Programa Gulbenkian Inovar em Saúde.

As mudanças sociais, económicas e financeiras ocorridas nas últimas décadas em Portugal e no mundo justificam procurar uma nova visão para os modelos de prestação dos cuidados de saúde que satisfaçam as necessidades dos cidadãos, obedeçam aos valores de igualdade e solidariedade e possam ser sustentáveis e, bem assim, duradouros.

As alterações de perfil demográfico da população, a prevalência das patologias crónicas, a complexidade da organização dos cuidados a prestar às populações, a responsabilidade dos cidadãos na gestão da sua saúde e o benefício das novas tecnologias, são alguns dos principais temas a abordar por uma comissão e quatro grupos de trabalho que integram personalidades, nacionais e estrangeiras, sob a presidência de Nigel Crisp, antigo CEO do Serviço Nacional de Saúde inglês e membro da Câmara dos Lordes. Nesta entrevista, Nigel Crisp explica, em linhas gerais, os objetivos e principais áreas do estudo a realizar.

A PLATAFORMA, QUE SERÁ APRESENTADA NO DIA 5 DE FEVEREIRO, PROCURARÁ UMA NOVA VISÃO DA SAÚDE E TAMBÉM DOS CUIDADOS DE SAÚDE EM PORTUGAL. QUAL É O OBJETIVO PRINCIPAL DESTA REFLEXÃO?

Na origem, partimos da ideia de continuidade de um Serviço Nacional de Saúde equitativo, acessível a todos os cidadãos e baseado em princípios da solidariedade social. No entanto, temos também a convicção de que o atual modelo, que levou a enormes melhorias no passado, apresenta agora custos insustentáveis e não se adequa às necessidades futuras. Esta é uma realidade que atravessa muitos países europeus, incluindo o meu próprio, onde estamos a enfrentar grandes problemas de financiamento. Muitos países estão a responder com medidas de curto prazo, cortando custos e direitos. A longo prazo, penso que teremos de fazer grandes mudanças no próprio sistema.

Temos de nos concentrar na promoção da saúde e na prevenção da doença. Temos de pensar em serviços mais variados e integrados na comunidade de forma a responder às pessoas com doenças crónicas. Precisamos de maior

participação dos cidadãos e dos doentes, usando o potencial dos novos conhecimentos e das novas tecnologias.

Além disso, a Fundação Gulbenkian decidiu criar esta Comissão para encontrar uma nova visão para a Saúde e os cuidados de saúde, tendo em conta o que isto quer dizer na prática e procurando encontrar a forma para a concretizar de uma forma sustentável. No fundo, no âmbito da iniciativa está a ideia de conseguir uma população e uma sociedade mais saudáveis e prósperas, onde as pessoas deem valor às suas vidas e, em caso de necessidade, possam ter acesso a cuidados de saúde de qualidade, suportáveis em termos financeiros e sustentáveis para o sistema de saúde.

O ESTUDO INCIDIRÁ EM DETERMINADAS ÁREAS DA SAÚDE. PODE ADIANTAR-NOS QUAIS E QUEM SERÁ ENVOLVIDO?

Vamos olhar para uma série de aspetos. Primeiro, começaremos por procurar entender as necessidades do país na Saúde e de que forma elas variam consoante a idade, olhando para as patologias crónicas como a diabetes ou a hipertensão arterial. Compreender as necessidades será



crucial para determinar uma visão de futuro. Ser saudável à medida que se envelhece é, sem dúvida, um dos grandes temas, um pouco como foi a melhoria das condições para as crianças nos últimos anos. É um enorme desafio. Também queremos olhar para a estrutura do sistema de Saúde, para a forma como diferentes componentes se relacionam entre si e como o seu financiamento está organizado. A Saúde diz respeito a pessoas e a famílias e, por isso, teremos atenção particular para o que acontece em casa e na comunidade, a um nível clínico. Julgo que haverá enormes ganhos se juntarmos custo e qualidade. Deixe-me dar-lhe dois exemplos: Portugal fez imenso quanto à educação das pessoas para a saúde, mas há muito mais a fazer. Também poderemos fazer mais para envolver os doentes no seu próprio tratamento. Em algumas zonas de Espanha chamam-lhes pacientes peritos, pessoas que sofreram uma doença particular como diabetes ou artrite crónica, durante um longo período, que podem ajudar outros e até ensinar trabalhadores da Saúde quanto aos cuidados adequados para pessoas nestas condições. Os pacientes são os que melhor sabem. Em Inglaterra fizemos o maior estudo científico, envolvendo seis mil doentes, sobre a utilização de novas tecnologias para os monitorizar em casa e permitindo-lhes telefonar ao médico ou ao enfermeiro, em caso de necessidade, em vez de usar o Sistema Nacional de Saúde da forma tradicional. Teve resultados absolutamente extraordinários em apenas um ano. As admissões hospitalares nestes grupos foram reduzidas em 20 por cento, as idas às urgências baixaram 14 por cento e a mortalidade diminuiu 45 por cento. Os custos também diminuíram em oito por cento. Estamos agora na fase de expansão, que abrangerá, no Reino Unido, três milhões de pessoas, que penso que sairão muito beneficiadas. Ainda não conheço muito bem Portugal,

mas tenho a certeza de que haverá muitos casos similares de boas práticas. A chave está em identificá-los e replicá-los pelo país.

O processo adotado pela Comissão será determinante para criar motivação e energia suficiente para que se consiga fazer as mudanças necessárias. O processo será aberto e envolvente, procurando ideias fora e ouvindo vários setores da população, baseando-se na experiência e conhecimento de outros países um pouco por todo o mundo.

A Comissão terá de olhar para a história de sucesso do serviço público de saúde dos últimos 40 anos, mas também assegurar que um vasto conjunto de ideias – mesmo as mais radicais – possa ser submetido a uma rigorosa análise e testado com os vários intervenientes. Apesar de o presidente e três dos seis membros da Comissão serem estrangeiros, o estudo envolverá 30 cidadãos portugueses em grupos de trabalho e estará firmemente assente na cultura portuguesa. Na essência será um estudo nacional com implicações globais, potencialmente aplicável noutros lugares.

COM A SUA VASTA EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO SOBRE A SAÚDE GLOBAL, CONSIDERA QUE ESTE ESTUDO FOCADO NA REALIDADE E NOS PROBLEMAS PORTUGUESES PODE AJUDAR A CRIAR UMA MELHOR E MAIS VASTA VISÃO SOBRE O SISTEMA EUROPEU DE SAÚDE?

A Comissão estará focada em Portugal, mas este trabalho terá ressonância e relevância globais. Portugal enfrenta muitas das mesmas questões de outros países, desde o aumento da incidência das doenças crónicas até aos resultados, custos e constrangimentos orçamentais.

A Comissão da Plataforma Gulbenkian pode mostrar o caminho a outros países nestas matérias. ■

Novos administradores não executivos no Conselho de Administração

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian procedeu à eleição de dois novos membros – **José Joaquim Gomes Canotilho** e **António Guterres** – que completam, com Emílio Rui Vilar, o número de administradores não executivos do Conselho. António Guterres aceitou o convite para integrar o Conselho de Administração da Fundação depois de expressamente autorizado pelo secretário-geral das Nações Unidas, e não receberá qualquer remuneração.

Os novos administradores substituem no cargo Eduardo Lourenço e André Gonçalves Pereira, que atingiram o limite dos seus mandatos em setembro passado. Os membros não executivos do Conselho de Administração participam nas reuniões do Conselho Plenário, órgão responsável pela definição da estratégia, das políticas de investimento e de pessoal, e também pela aprovação do plano e orçamento anual, bem como do relatório anual e contas. É ainda o

órgão com competência para deliberar sobre a eleição do presidente e de novos elementos do Conselho.

José Joaquim Gomes Canotilho (Pinhel, 1941) é professor catedrático jubilado da Faculdade de Direito de Coimbra, onde também exerceu o cargo de vice-reitor. Especialista em direito constitucional, foi conselheiro de Estado e Prémio Pessoa em 2003.

António Guterres (Lisboa, 1949) é o alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados desde 2005. Foi primeiro-ministro entre 1995 e 2002, conselheiro de Estado e membro do Conselho da Europa. É professor convidado do Instituto Superior Técnico, instituição onde fez toda a sua formação.

O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian é presidido por Artur Santos Silva e integra os administradores executivos Diogo de Lucena, Isabel Mota, Eduardo Marçal Grilo, Teresa Gouveia e Martin Essayan, além dos já referidos administradores não executivos. ■



PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN PRIZE

A Fundação Calouste Gulbenkian vai atribuir, pelo segundo ano consecutivo, o Prémio Calouste Gulbenkian. Este prémio, no valor de 250 mil euros, tem como objetivo distinguir individualidades ou instituições que se tenham destacado pelo seu papel na defesa dos valores essenciais da condição humana, nomeadamente, o respeito pela diferença e diversidade, a cultura da tolerância e a preservação do ambiente na relação do homem com a natureza.

As candidaturas, nacionais e internacionais, deverão ser apresentadas por terceiros. A sua receção começa no dia **15 de fevereiro** e termina a **15 de abril**.

O júri do Prémio Calouste Gulbenkian é presidido pelo antigo Presidente da República Jorge Sampaio e é composto por Vartan Gregorian (Carnegie Corporation, EUA), Paul Brest

Candidaturas ao Prémio Gulbenkian

(Hewlett Foundation, EUA), Pedro Pires (ex-Presidente da República de Cabo Verde), a princesa Rym Ali da Jordânia (fundadora do Jordan Media Institute), António Nóvoa (Reitor da Universidade de Lisboa) e Miguel Poiães Maduro (Instituto Universitário de Florença e Prémio Gulbenkian Ciência em 2010).

No ano passado o Prémio foi atribuído à West-Eastern Divan Orchestra, criada em 1999 por Edward Said e Daniel Barenboim, que junta músicos israelitas, palestinianos e de outros países árabes. A escolha do júri teve em conta a contribuição desta orquestra para ultrapassar as barreiras e os conflitos históricos entre israelitas e palestinianos a partir do gosto pela música, promovendo o diálogo intercultural com vista à harmonia e à paz. ■

Candidaturas em www.gulbenkian.pt



Regresso do Concurso de Empreendedorismo Social

A Fundação Calouste Gulbenkian e a Cotec Portugal uniram-se numa parceria com o objetivo de aproximar a diáspora portuguesa do seu país. Através da iniciativa FAZ, as duas entidades recebem candidaturas ao concurso IOP – Ideias de Origem Portuguesa e ao Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa. Os interessados podem submeter as candidaturas até **31 de março**.

O CONCURSO IDEIAS DE ORIGEM PORTUGUESA

A primeira fase do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, durante a qual os interessados se poderão candidatar, decorrerá até final de março. As equipas candidatas terão de apresentar uma ideia inovadora na área do Ambiente e Sustentabilidade, da Inclusão Social, do Diálogo Intercultural ou do Envelhecimento, e terão de integrar um português ou lusodescendente residente no estrangeiro. As ideias pré-selecionadas receberão formação do Instituto de Empreendedorismo Social para desenvolvimento dos modelos de negócio social.

No dia 10 de junho, o Júri atribuirá financiamento a três concorrentes para a concretização dos respetivos projetos no valor total de 50 mil euros (com valores diferenciados para os três prémios). Os projetos receberão também apoio técnico da parte das entidades parceiras.

Movimento lançado em 2010 para mobilizar a sociedade civil para a construção de uma sociedade melhor, o FAZ – Ideias de Origem Portuguesa registou, aquando da sua primeira edição, a submissão de 203 ideias provenientes de 28 países dos cinco continentes. O vencedor, que se materializou no projeto Arrebita!Porto, é um entre vários participantes do FAZ – IOP que são hoje realidade.

O PRÉMIO EMPREENDEDORISMO INOVADOR NA DIÁSPORA PORTUGUESA

Este Prémio pretende distinguir os portugueses que, pela sua ação empreendedora e inovadora, se notabilizaram fora de Portugal nas suas respetivas atividades empresariais, mas também a nível social ou cultural. Promovido pela Cotec Portugal desde 2007, e contando com o alto patrocínio do Presidente da República, este Prémio tem contribuído para fortalecer a ligação dos portugueses ao seu país de origem, mas também tem permitido reforçar a imagem e prestígio de Portugal no estrangeiro. Pretende-se ainda que tenha reflexos quer na internacionalização da economia e na atração de investimento quer na valorização da língua e da cultura nacionais.

O Prémio Diáspora já deu a conhecer, ao longo destes seis anos, importantes personalidades que se afirmaram nos meios empresariais, sociais e políticos, em sociedades de acolhimento da mais elevada exigência, como Austrália, EUA ou França. Isabel dos Santos Melo, fundadora do Grupo Mentaur, de cuidados de saúde, e Cristóvão Fonseca, realizador e fundador da produtora Les Films de l'Odyssee, foram os vencedores da edição de 2012 do Prémio, que reuniu um número recorde de candidaturas: 141. Os candidatos da edição passada são oriundos de mais de 30 países, de todos os continentes.

Tradicionalmente, este Prémio regista uma maior participação das comunidades portuguesas no Brasil, Canadá, Estados Unidos e França. Ao nível dos setores de atividade mais representados encontra-se o setor financeiro, seguido da restauração/turismo e da investigação e ciência; e assistiu-se, mais recentemente, ao surgimento de muitos candidatos na nova categoria de indústrias criativas. ■

Mais informações:

www.cotec.pt/diaspora; www.ideiasdeorigemportuguesa.org

Candidaturas abertas ao Programa de Doutoramento do IGC

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) é internacionalmente reconhecido pelos seus programas de doutoramento na área da Biologia e Biomedicina.

O Programa de Doutoramento do IGC permite aos alunos o contacto com um vasto leque de diferentes tópicos em ciências biológicas, que reflete a diversidade dos temas de investigação naquele Instituto. Durante o primeiro ano do programa, os alunos frequentam cursos ministrados por investigadores do IGC e professores convidados de prestigiadas universidades e institutos de investigação de todo o

mundo. No final do primeiro semestre, os alunos têm várias semanas para desenvolver uma proposta de investigação para as suas teses, e para encontrar no IGC um investigador que seja orientador dos seus trabalhos de doutoramento.

Dia **15 deste mês** abrem as candidaturas ao Programa de Doutoramento em Biomedicina Integrativa (PIBS) para o ano letivo de 2014.

Para mais informações consultar a secção de ensino em www.igc.gulbenkian.pt. ■

Concursos em fevereiro

Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais

Este concurso é dirigido a indivíduos e a organizações que sejam titulares de patrimónios documentais e visa salvar, guardar e divulgar o património cultural existente no nosso país através da recuperação, tratamento e organização de acervos documentais com relevante interesse histórico, cultural e científico.

Os interessados deverão apresentar a sua candidatura *online*, até dia **14 deste mês**.

Atividades culturais e científicas circum-escolares

Até dia **21**, está aberto o concurso para apoio a atividades culturais, científicas e artísticas extracurriculares, promovidas por estudantes ou a eles destinadas, em especial os do ensino superior.

Só serão aceites as candidaturas apresentadas *online*, em formulário próprio, e que reúnam os requisitos exigidos no regulamento do concurso.

Informações e Candidaturas em www.gulbenkian.pt

Especialização e Valorização Profissional em Artes no Estrangeiro

A fim de estimular a especialização e a valorização profissional nas áreas das Artes Visuais, Curadoria, Cinema, Teatro e Dança, estão abertas **até dia 28** as inscrições para atribuição de bolsas de estudo no estrangeiro.

Estas bolsas destinam-se ao desenvolvimento de projetos de especialização, quer no âmbito académico, quer nos domínios da criação artística ou pesquisa teórica, ou ainda no campo da valorização e atualização profissionais.

Com o mesmo prazo de inscrição e abrangendo as mesmas áreas, estão abertas também as **bolsas para os Estados Unidos da América** que são concedidas no âmbito do acordo estabelecido com a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Educação especial

Finalmente, está aberto até dia **28** o concurso para apoio a atividades e ações que promovam a educação, designadamente no âmbito da intervenção precoce, reabilitação e integração escolar e social das crianças e jovens com necessidades educativas especiais. A iniciativa visa ainda permitir intervenções inovadoras promotoras de inclusão escolar e social, bem como a aquisição de equipamentos para melhoria da qualidade do atendimento e da aprendizagem do público-alvo.

Prémio Keith R. Porter para investigadora do IGC

Mónica Bettencourt Dias, investigadora principal do grupo Regulação do Ciclo Celular do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), fechou o ano de 2012 com mais um prémio. Depois do Prémio Pfizer em Investigação Básica 2012, a investigadora ganhou o prémio Keith R. Porter, atribuído pela Sociedade Americana de Biologia Celular. No valor de cinco mil dólares, o prémio permite organizar atividades educativas ligadas à biologia celular, como o apoio à realização de uma conferência. Este prémio anual foi estabelecido em 1999 e reconhece a excelência do trabalho de um biólogo celular no início ou meio da sua carreira científica, tendo como objetivo encorajar outros jovens e cientistas a prosseguir os estudos nesta área.

Mónica Bettencourt Dias diz: “É uma honra receber um prémio com o nome do cientista que descobriu as estruturas com que trabalhamos. É um prémio muito prestigiante, tendo sido antes atribuído a cientistas que admiro imenso.” O trabalho do laboratório de Mónica Bettencourt Dias já foi reconhecido com vários prémios europeus para jovens cientistas, como da Eppendorf (2007), da Organização Europeia de Biologia Molecular (EMBO-2009) e do Conselho Europeu de Investigação (ERC-2010). É a primeira vez que recebe um prémio norte-americano. ■



© Ana Maria Bettencourt

A ciência que passa no ecrã

Os blocos informativos em horário nobre dos quatro canais televisivos de sinal aberto dedicam, em média, apenas 0,8 por cento do seu tempo a temas de ciência, sendo que, em 2011, os operadores privados dedicaram mais tempo do que os operadores públicos. Nos noticiários, a ciência surge sobretudo associada a dois valores-notícia: o relevo da descoberta para a cura de doenças (20,7%) e a novidade e atualidade da descoberta (20,1%). A estes valores somam-se o interesse mediático pelos riscos associados (risco ambiental, risco para a saúde pública, etc.), pela atribuição de prémios e reconhecimento do trabalho científico realizado, curiosidades e comportamentos sociais, valor

português/valor diáspora e, em menor número, políticas de apoio, questões do domínio ético e legal, polémicas, divergências, irregularidades e criação de condições de apoio à investigação científica.

A nível de tratamento noticioso, o grau de rigor com que os temas científicos são tratados é mais elevado do que por vezes se aponta, conseguindo jornalistas e cientistas entrevistados transmitir ideias complexas de forma geralmente bastante acessível. No geral, a ciência é retratada de forma positiva e consensual. Estas são algumas das conclusões do estudo *A ciência no ecrã*, resultado de uma parceria entre o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e a Entidade

Reguladora para a Comunicação Social (ERC). O documento serviu de mote a uma conferência com o mesmo título, na Fundação Calouste Gulbenkian, onde profissionais das televisões, comunicadores de ciência e outros discutiram os resultados e apontaram novos caminhos para o tratamento noticioso da ciência.

Este estudo, pioneiro no país, analisou quantitativa e qualitativamente todas as peças dedicadas à ciência entre o início de 2011 e o primeiro semestre de 2012, recolhendo um *corpus* de 319 peças que ficam à disposição dos investigadores. Agora, esta parceria entre o IGC e a ERC deverá ser alargada a outras instituições, de forma a continuar a monitorizar o tratamento noticioso da ciência, alargando-o às áreas da programação e a outros *media*. ■



Cientistas de renome no Instituto Gulbenkian de Ciência

Kai Simons, Martin Raff, David Sabatini, Terrence Sejnowski, Tony Hyman, Linda Partridge, Ruslan Medzhitov, Paul Schmid-Hempel e Ginés Morata marcaram presença no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), nos dias 21 e 22 de janeiro, para a reunião do Conselho Científico do IGC. Esta foi a primeira reunião deste Conselho desde a aprovação do novo modelo científico e de gestão para o IGC, em julho do ano passado, e da entrada em funções do novo diretor, Jonathan Howard, a 1 de outubro.

Durante dois dias, o Conselho Científico mergulhou na vida do Instituto Gulbenkian de Ciência e, em conjunto com a Direção do IGC, discutiu o progresso científico, os programas de formação pós-graduada, o recrutamento e o desempenho dos colaboradores e grupos de investigação. Os cientistas que compõem o Conselho Científico do IGC são internacionalmente reconhecidos pelo seu mérito. Algumas das suas descobertas contribuíram para o avanço do conhecimento científico em áreas como resposta imunitária à infeção por patogénios, regulação genética, neurobiologia, biologia do envelhecimento e desenvolvimento, entre outras. ■





A Solidão faz mal à Saúde

“**A** Solidão Faz Mal à Saúde” é o tema de uma campanha lançada no Reino Unido, apoiada pela Fundação Gulbenkian, dirigida sobretudo à 3ª idade, realizada no âmbito de uma iniciativa que reúne várias Instituições de Solidariedade Social. Diversas investigações científicas demonstram que o impacto negativo da solidão na saúde e no bem-estar é considerável, sendo os danos comparáveis por exemplo, aos do tabagismo. A solidão está também ligada a várias doenças crónicas como a depressão e o Alzheimer.

Em Inglaterra, existem vários Conselhos para a Saúde e Bem-Estar com o propósito de melhorar as condições de vida das populações locais e de reduzir as desigualdades. Trabalhando no terreno em quatro localidades inglesas – Cornwall, Essex, Sefton e Staffordshire –, a campanha “A Solidão Faz Mal à Saúde” tem vindo a dinamizar as comunidades locais para intervir junto destes Conselhos, de modo a sensibilizar a população para a gravidade do problema. O objetivo é que estes Conselhos passem a reconhecer a importância desta questão, promovendo estratégias para a enfrentar.

Desde o começo da sua atividade, a campanha já criou 17 grupos que têm vindo a desenvolver várias ações, muitas das quais em articulação com o Serviço Nacional de Saúde e o Setor Voluntário.

Os resultados começam a ser visíveis. Em Cornwall, a pressão feita junto do Conselho para a Saúde e Bem-estar local por um grupo de ativistas, levou já à adoção da solidão como assunto prioritário na estratégia da região.

Por seu lado, em Sutton, o deputado local e ex-secretário de Estado para os Cuidados Sociais, Paul Burstow, organizou uma mesa-redonda envolvendo organizações locais voluntárias e o Conselho Autárquico para discutir o assunto, tendo em resultado destas diligências surgido um novo projeto para reduzir o impacto da solidão naquela área. ■

Mais informações: <http://www.campaigntoendloneliness.org.uk/campaigns/loneliness-harms-health/>

Imagens da Biblioteca de Arte da Fundação Gulbenkian em exposição na Biblioteca do Congresso

No passado dia 16 de janeiro, o Flickr Commons assinalou o seu quinto aniversário. Esta efeméride não passou despercebida à Biblioteca do Congresso, que decidiu homenagear a base de dados de imagens com uma exposição que destaca algumas das fotos mais vistas e comentadas das instituições que fazem parte do Commons, entre as quais a Biblioteca de Arte da Fundação Gulbenkian.

Desde o lançamento do Flickr Commons que mais de 56 bibliotecas, museus e arquivos contribuíram para esta base de dados com mais de 250 mil imagens, sem restrições de direitos de autor. Esta galeria especialmente criada pela Biblioteca do Congresso vem agora permitir que se aprecie o melhor deste acervo fotográfico. ■



Fonte Luminosa © Horácio Novais

Novo diretor do Serviço das Comunidades Arménias

Razmik Panossian assumiu este mês o cargo de Diretor do Serviço das Comunidades Arménias da Fundação. Panossian é doutorado pela London School of Economics and Political Science, onde também lecionou. O seu trabalho publicado sobre questões arménias é vasto, incluindo um livro sobre a identidade nacional arménia. Tem grande experiência em gestão, incluindo a administração de programas, bem como a alocação e distribuição de subsídios internacionais de desenvolvimento. Trabalhou para o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e, durante muitos anos, desempenhou o cargo de diretor das políticas, programação e planeamento de uma organização governamental canadiana sediada em Montreal. ■

Apoio a recém nascidos

A Associação de Ajuda ao Recém-Nascido (Banco do Bebê) e a Associação Crescer Bem receberam um apoio da Fundação Gulbenkian para ajuda a famílias carenciadas, com bebés recém nascidos. Os pedidos de ajuda a estas Associações e aos Serviços Sociais dos hospitais e das maternidades aumentaram nos últimos meses; um dos pedidos mais frequentes é a compra de leite em pó. Tanto a Associação de Ajuda ao Recém-Nascido como a Associação Crescer Bem desenvolvem a sua intervenção junto das crianças e famílias com problemas económicos e sociais, estando a primeira ligada à Maternidade Alfredo da Costa e a segunda ao Hospital D. Estefânia. ■

Boa nota para o IGC nos concursos da FCT

O Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) comprovou mais uma vez a sua excelência como instituição de investigação em Biomedicina. No último concurso aberto pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) para financiamento de projetos de investigação científica, o IGC conseguiu uma taxa de sucesso de 28 por cento no financiamento solicitado, bem acima dos 13 por cento de média nacional. A par do sucesso do IGC, dentro da ordem de grandeza de financiamento atribuído pela FCT, encontram-se o Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB) – parceiro do IGC no Laboratório Associado de Oeiras – e o Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC). ■



Alessandra Zuliani | 32 anos | Bolsas de Investigação para estrangeiros

Alessandra Zuliani num dos seus locais preferidos de Lisboa – o Miradouro de Nossa Senhora do Monte © Mária Lessa

“O português é uma língua íntima, para descobrir pouco a pouco”

Com uma bolsa da Fundação Gulbenkian, a tradutora e professora Alessandra Zuliani está em Lisboa há quatro meses para investigar a obra de Manoel de Oliveira. Viver na capital tem sido uma experiência inesquecível para a italiana, apaixonada pela língua “suave e positiva”, pelo rio Tejo e pelos gatos da Graça.

COMO COMEÇOU A SUA ATRAÇÃO PELA LÍNGUA PORTUGUESA?

Comecei a descobrir as línguas quando era criança. O meu pai viajava muito por causa do trabalho, e os meus irmãos traziam a casa pessoas de muitas nacionalidades. Além disso, um tio meu vive no Brasil há quarenta anos, e quando era criança recebia cartas dos meus primos escritas em português. Com o tempo, pensei que esse pudesse ser o meu caminho, e escolhi uma escola secundária que em Itália se chama Liceu Linguístico, e depois a Faculdade de Línguas Estrangeiras, sempre com este interesse em perceber as pessoas e pensando que seria bom conhecer todas as línguas. Comecei por aprender inglês, francês e espanhol, e

depois cheguei ao português, que é a língua de que gosto mais. Não me canso de a ouvir, sou capaz de estar num café sozinha simplesmente a ouvir. É uma língua muito suave, que transmite sensações positivas.

A SUA TESE TEM POR TÍTULO “O DIÁLOGO FÍLMICO DE MANOEL DE OLIVEIRA COMO SUBLIMAÇÃO DO MODELO LITERÁRIO: DO PROTOTEXTO À ADAPTAÇÃO ITALIANA”. COMO SURTIU O SEU INTERESSE PELO CINEMA DE MANOEL DE OLIVEIRA?

Licenciei-me em Línguas Estrangeiras, mas não segui logo para o doutoramento, tendo começado a trabalhar como professora. Fiz cursos de especialização de tradução e de ensino de línguas estrangeiras. Viajei muito para Portugal, não só em turismo mas também em investigação, e da última vez que estive cá algum tempo, em 2009, fiquei três meses. Nessa ocasião pensei que deveria procurar alguma possibilidade de permanecer mais tempo neste país para estar mais em contacto com a língua e a cultura portu-
gue-



sas dentro do âmbito da minha área de especialização, que é a tradução. Quando voltei a Itália, encontrei um concurso para doutoramento, que tinha uma vaga de Português. O orientador encaminhou-me para uma tese sobre Cinema, e pensei em Manoel de Oliveira porque tenho muita admiração pelo cinema dele, e porque a parte linguística da sua obra ainda não tinha sido estudada.

E EM QUE FASE ESTÁ A SUA TESE?

Escrevi uma primeira parte sobre princípios teóricos de linguística, abrangendo também sociolinguística, tradução, cinema português e literatura portuguesa. Para chegar aos filmes de Manoel de Oliveira, parti dos princípios teóricos. Estou a escrever a segunda parte sobre tradução, sendo que a terceira é sobre Manoel de Oliveira em relação à tradução dos filmes. É algo muito inovador, e para mim muito interessante, porque já foram estudadas as ligações entre literatura e cinema em Oliveira, e já se trabalhou muito na análise cinematográfica dos filmes, mas a análise da língua e mesmo dos diálogos ainda não foi muito abordada.

NA LITERATURA, ALGUM AUTOR PORTUGUÊS A MARCOU?

Na universidade, a minha formação foi literária. Sentia uma forte ligação a Portugal através da língua e da literatura, costumava ir à biblioteca da faculdade e passar horas a ler todos os livros em português que encontrava. Comecei por ler muita poesia. Primeiro os Vanguardistas, depois Sophia de Mello Breyner Andresen, que foi uma descoberta enorme. Pessoa não foi um caminho muito fácil por oferecer várias perspetivas, e penso que muita gente julga conhecê-lo sem de facto o conhecer. Gostei muito do *Livro do Desassossego*, que marcou também uma fase da minha vida. Voltei a lê-lo várias vezes, em várias idades. Da poesia passei para a literatura. Gosto de alguns contemporâneos, como Agustina Bessa-Luís, que não é muito conhecida em Itália onde a literatura portuguesa é associada a Pessoa e a Saramago, de quem gosto imenso. Há um conto de Eça de Queirós que foi adaptado ao cinema por Manoel de Oliveira, o *Singularidades de Uma Rapariga Loura*. Gosto também da *Relíquia*, que tem um humor muito subtil, curioso num autor daquela época. De Saramago ainda não li tudo, mas tive a oportunidade de o encontrar durante a apresentação

do *Caderno* em Lisboa, em 2009, e pude trocar algumas palavras com ele e com a Pilar del Rio. Foi um momento engraçado porque o *Caderno* tem uma parte muito crítica sobre os italianos.

O QUE LEU DE SARAMAGO?

Gostei muito do *Memorial do Convento*. Nunca tinha lido um livro com tantos pormenores sobre uma construção tão monumental. Também li o *Ensaio sobre a Cegueira*, *As Intermittências da Morte*, e depois *O Caderno*, que não é tanto um romance mas sim uma recolha de artigos escritos por ele. Li todos estes livros em português e alguns também em italiano. Sou tradutora, mas sei que há momentos da tradução, sobretudo literária, que são difíceis. Defendo a tradução, mas tenho um enorme prazer em ler as obras na sua versão original. Quando lemos uma tradução, confiamos no tradutor. Se ele não fez um bom trabalho, nós nunca chegaremos a saber. Como tradutora, sinto que tenho uma tarefa, uma responsabilidade. Estou entre o autor e o público e tenho de ser a intermediária. Houve casos de traduções que não respeitaram a intenção original, e os leitores ficaram com uma ideia errada. Todos os dias lemos traduções, por exemplo no âmbito jornalístico, nas quais temos de confiar.

ALÉM DE SER UMA PAIXÃO EM SI MESMA, A TRADUÇÃO PARECE SER PARA SI UM MEIO DE ACEDER A OUTRAS CULTURAS.

Sim, para que eu aceda a outras culturas e para que através de mim outras pessoas também consigam fazê-lo. Tenho a possibilidade de ajudar a veicular informação, algo que me dá muita satisfação. Mas a língua muda e o tradutor tem de acompanhar essa mudança. Sem perder a beleza da língua que temos, devemos reconhecer isso e estar conscientes dos fenómenos linguísticos que estão a acontecer. Não podemos ser puristas.

ESTÁ A MEIO DA INVESTIGAÇÃO, DEPOIS REGRESSARÁ A ITÁLIA. O QUE SE SEGUIRÁ?

Boa pergunta! A minha ideia seria terminar a tese primeiro e depois dedicar-me, se puder, à língua e cultura portuguesas e à tradução português-italiano. Depois há o choque com a realidade. Em Itália não estamos a passar um bom momento, mas, se tiver de fazer sacrifícios para realizar os meus sonhos, estou preparada.

GOSTARIA DE VIVER EM PORTUGAL?

Acho que tenho duas portas abertas, a portuguesa e a italiana, e não posso dizer qual delas escolherei. Confio muito nas duas possibilidades. Espero poder, caso fique em Itália, viajar até Portugal com frequência por causa da investigação e para me manter em contacto com esta cidade e com este país que adoro.

COMO É VIVER EM LISBOA?

Como disse, não é a primeira vez que venho a Lisboa. Já não faço muito turismo, estou a tentar concentrar-me muito no trabalho de investigação, o que significa que durante a semana estou praticamente todo o tempo a estudar e a ver os filmes de Oliveira. Vou a algumas bibliotecas procurar material, costumo ir à Cinemateca, que me dá a possibilidade de aceder a material cinematográfico português que não existe em Itália e que me tem permitido descobrir obras fundamentais. Durante o fim de semana posso ficar a escrever ou dar um passeio, o que tem ultimamente sido difícil porque tem chovido bastante. Em Lisboa, gosto de passear e descobrir novos pormenores, azulejos, prédios antigos; divirto-me a ouvir as conversas na rua, nas tascas ou no elétrico, e tento aproveitar a programação cultural da cidade. O Tejo é uma das razões pelas quais me sinto tão bem cá, sempre que venho a Lisboa vou ver o rio. Gosto de ir à Graça porque há muitos gatos e eles têm um estatuto privilegiado, quase como no Antigo Egipto. Visitei também o Porto, com os seus esplêndidos palácios, e a Ribeira, homenageada tantas vezes por Oliveira, além dos Açores, que me fascinaram.

CHEGOU A VIVER EM ESPANHA. QUE SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS IDENTIFICA ENTRE OS DOIS PAÍSES?

Passei alguns verões em Espanha a partir dos dezassete anos, pois tenho uma prima que casou com um espanhol e nesse ano, em que tinha começado a estudar castelhano, fui visitá-los à Andaluzia.

As minhas primeiras experiências no estrangeiro, foram esse contacto com a cultura andaluza, de tal forma que quando comecei a dar aulas tive de me livrar do meu sotaque. Com 20 ou 21 anos terminou essa fase espanhola e começou a portuguesa. São países muito diferentes, embora com uma parte da história comum. A nível da língua, a portuguesa é mais íntima e fechada, no sentido em que é uma língua para descobrir pouco a pouco. A espanhola abre-se mais facilmente, o que também reflete o carácter do povo. O povo português também é muito acolhedor, embora talvez seja um pouco mais discreto. ■



Posso Escrever Sobre Mim?

Por Maria Bácia e Maria Gil

A Experiência autobiográfica como ponto de partida para uma prática de escrita em contexto de sala de aula.

COMO PÔR OS ALUNOS A ESCREVER?

Este foi o desafio com que partimos para o projeto 10x10. Escolhemos um conteúdo do programa do 10º ano: os textos autobiográficos. Se, por um lado, a escrita autobiográfica é geradora de empatias – a nossa história é a história do outro –, por outro lado, a partilha destes materiais permite um conhecimento de si e do seu lugar no grupo. Interessava-nos que os alunos escrevessem pouco, mas muitas vezes, apostar mais na frequência que na dimensão, para que essa cadência tornasse a atividade de produção escrita numa rotina, num hábito, que entrasse na normalidade.

Em regra, os alunos leem primeiro textos literários de ‘pessoas muito importantes’, com palavras e sintaxe muito complicadas; depois, eventualmente, escreverão qualquer coisa a propósito desses textos.

Durante este processo, optámos por ESCREVER ANTES DE LER. Esta escolha revelou-se bastante produtiva. Os alunos foram melhores leitores dos textos literários porque a memória da escrita foi acionada. Não só se lembravam dos mecanismos de escrita, como, ao lerem os seus próprios escritos, começaram a ter uma perspectiva mais analítica, reflexiva e até já os corrigiam. Desta forma, passaram a ser parte ativa na construção dos conteúdos de que eram alvo.

Escrever a partir de fotografias de infância, escrever um autorretrato a partir da imagem que viam refletida num pequeno espelho de mão, escrever uma autobiografia na terceira pessoa, criar um alter-ego, evocar memórias a partir de cheiros e escrever sobre elas foram alguns dos exercícios que fizemos.

Para conseguirmos chegar até esta prática de escrita regular foi necessário criarmos uma equipa de trabalho. Uma vez que a turma não se conhecia, pois era um conjunto de alunos que vinha de escolas muito diversas e tinha bastante relutância em responder aos exercícios, tivemos de aplicar algumas micropedagogias que se revelaram essenciais.

Primeiro, pensámos as aulas como um ritual: começavam sempre da mesma maneira, sentados em círculo, em que a dupla explicava todos os exercícios que se iriam seguir bem como a sua finalidade; terminando também sempre da mesma maneira, dois alunos por aula resumiriam o que tinha sido feito. Segundo, introduzimos métodos de colaboração, em que os alunos poderiam praticar o trabalho em conjunto e a escrita a várias mãos.

Embora tenha existido avaliação formal, foi fundamental para desbloquear a escrita o facto de estes textos não terem sido classificados, nem sequer terem sido objeto de qualquer opinião, julgamento ou reparo. O importante era – e é – escrever.



em fevereiro



Martyre de St Sébastien © Clarac-Deloeuil - le lab

Festival Debussy+

Tendo como pano de fundo as comemorações dos 150 anos do nascimento de Claude Debussy, o mês de fevereiro traz consigo o Festival Debussy+, fruto de uma parceria da Fundação Gulbenkian com o Instituto Francês de Portugal e a Escola Superior de Música de Lisboa. Ao longo de uma semana, de 14 a 22, o Festival propõe uma programação variada que inclui concertos, filmes, exposições, conferências e masterclasses.

A Gulbenkian Música inscreveu na sua programação os dois momentos mais marcantes deste Festival: a apresentação da ação cénica *Le Martyre de Saint Sébastien* (dias 21 e 22), uma obra singular composta por Debussy a partir de um texto de Gabriele d'Annunzio, e um concerto dirigido por Marc-André Dalbavie totalmente dedicado ao compositor simbolista (dias 14 e 15).

Dividida em cinco atos, ou mistérios, no sentido do drama religioso medieval, *Le Martyre de Saint Sébastien*, foi concebida fundamentalmente como obra poética e literária, apesar de também incluir música e dança. Drama sacro de origem profana (a personagem de S. Sebastião é inspirada

na figura da bailarina Ida Rubinstein), a obra original, fiel à estética simbolista, fazia coabitar puro e impuro, cruzando misticismo, ocultismo, magia e sexualidade, ao longo das suas mais de quatro horas de duração (para apenas uma hora de música).

A sua estreia deu-se num contexto conturbado, já que, pouco tempo antes, toda a obra dramática de D'Annunzio tinha sido condenada pela Igreja e os leitores ou espectadores ameaçados de excomunhão. *Le Martyre de Saint Sébastien* acabou por ser estreado em maio de 1911, e após uma dezena de récitas, nunca mais foi apresentado integralmente. A versão agora apresentada, com cerca de uma



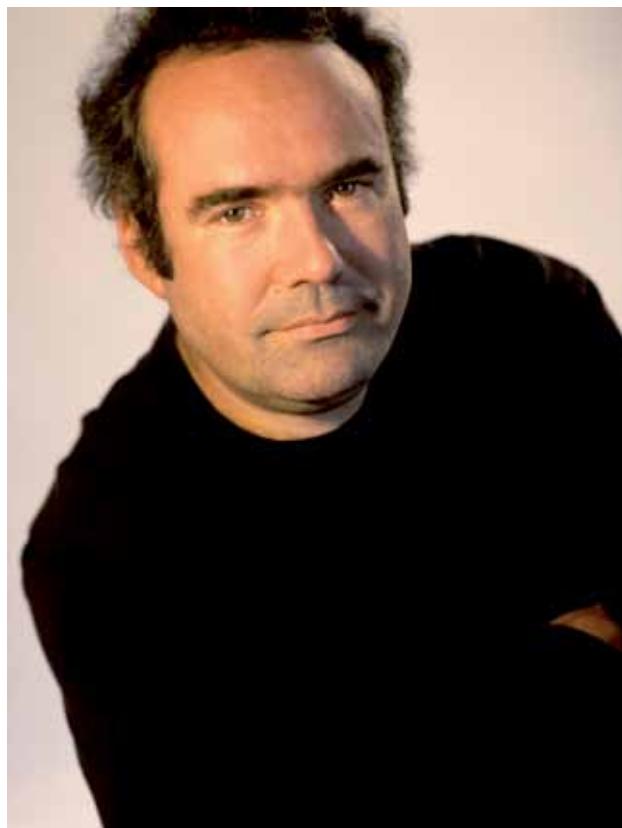
Martyre de St Sébastien © Clarac-Deloueil - le lab

hora e meia, assinada por Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloueil, procura revisitar a dimensão original da obra, explorando-a enquanto oratória. A ação cénica parte de uma narrativa contada por personagens e pelo coro, com inserções de diálogos e monólogos, segundo o modelo das Paixões de J. S. Bach. Esta adaptação cruza fragmentos do texto original de D'Annunzio com partes do filme *Teorema*, de Pier Paolo Pasolini, seguindo as revelações místico-eróticas de uma família burguesa tocada pela graça de um desconhecido chamado Sebastião.

Para esta produção estarão no palco do Grande Auditório o Coro e Orquestra, dirigidos por Alain Altinoglu, a que se junta um elenco constituído por Micha Lescot, Karen Vourc'h, Éric Bougnon, Blanche Konrad, Marianne Crebassa e Marie Kalinine. A peça é legendada em português.

O outro concerto deste Festival convoca o compositor em residência nesta temporada, **Marc-André Dalbavie**, que apresenta também neste concerto, a sua vertente de maestro, dirigindo a Orquestra Gulbenkian num programa que junta obras por si compostas, inspiradas em Claude Debussy, com composições do próprio Debussy. Em estreia mundial, será apresentada uma orquestração das canções de Debussy inspiradas em temas populares, composta por Dalbavie. ■

Programa completo do festival em: www.musica.gulbenkian.pt



Marc-André Dalbavie © Alix Laveau

Centro de Arte Moderna

O CAM apresenta, além de uma seleção de obras da sua coleção permanente, três novas exposições inauguradas em meados de janeiro.



Julio, *Tarde de festa*, 1925 © Col. CAM-FCG



Julio, *Mulher e Natureza Morta*, 1927 © Col. CAM-FCG

A imagem que de ti compus

Homenagem a Julio

Júlio dos Reis Pereira, pintor e poeta, numa mostra que regressa às primeiras décadas da sua obra. A exposição reúne 92 trabalhos de pintura e desenho e é uma organização conjunta do CAM e da Fundação Cupertino de Miranda, focando-se nos períodos surrealistas e expressionistas que se fizeram sentir na sua obra ao longo de três décadas, de 1920 a 1940. Nas palavras dos curadores, esta exposição representa “uma oportunidade de revermos aqueles que foram os momentos cruciais da sua experimentação e de afirmação das mais puras inquietações que demonstraram a ori-

ginalidade dos seus trabalhos”. Figuras de mulher, em cores fortes e contrastantes ou em desenho recortado, lado a lado com alguns dos seus poemas, fazem da exposição um bom momento para descobrir ou redescobrir este pintor português.

A IMAGEM QUE DE TI COMPUS – HOMENAGEM A JULIO

Curadores: Patrícia Rosas (CAM) e António Gonçalves (Fundação Cupertino de Miranda)

ATÉ 7 DE ABRIL



© Paulo Costa

Plantas e plantas

Narelle Jubelin

Na grande nave do CAM, as obras de Narelle Jubelin mostram o bordado, mais precisamente o *petit-point*, a produção têxtil de artistas aborígenes australianas, mas também de artistas timorenses, e uma teia de referências culturais presente nos vídeos exibidos. Australiana, a viver em Madrid desde 1996, a artista tem uma geografia pessoal e artística singular que passa pela Austrália, Timor-Leste, Europa e Estados Unidos e que atravessa esta exposição.

PLANTAS E PLANTAS
Curadoria: Isabel Carlos
ATÉ 31 MARÇO

E ainda:
UM CHÁ PARA ALICE
Curadoria: Ju Godinho e Eduardo Filipe
ATÉ 10 DE FEVEREIRO



© Paulo Costa



© Paulo Costa

Lida Abdul

Logo à entrada, na Sala de Exposições Temporárias e na Sala Polivalente, mostram-se as imagens fotográficas e de vídeo da artista de origem afegã **Lida Abdul**. O tempo, a memória e a guerra são elementos presentes nos trabalhos expostos e que resultam de um regresso de Lida Abdul ao seu país natal, de onde fugiu aos 14 anos para escapar à guerra. De imagem em imagem, podem ver-se as ruínas de um país, mas também as pessoas que ainda vivem nele e reinventam a paisagem e a limpam das memórias do passado, como o homem que pinta um cavalo de branco em *White Horse*: “Estou a pintar como quem lava as ruínas, como quem limpa. O branco é limpo, puro...”

LIDA ABDUL

CAM

Curadoria: Isabel Carlos

ATÉ 31 MARÇO



© Paulo Costa



Descobrir

Especial Carnaval

No dia de Carnaval, o Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência propõe aos mais novos atividades diferentes entre quadros e imagens artísticas. “Verdade, verdadinha” e “A outra face do rosto” são duas oficinas inspiradas nas exposições que estão no Centro de Arte Moderna e que pretendem despertar o gosto pela arte nas crianças.

Assim, as exposições *Narelle Jubelin – Plantas e Plantas* e «*A imagem que de ti compus*» – *Homenagem a Júlio* (com a colaboração do livro *O Grufalão*, de Axel Scheffler e Julia Donaldson) darão o mote para que, na terça-feira de Carnaval, o CAM se transforme num espaço dedicado às crianças, demonstrando que não existe um limite mínimo de idade para apreciar a criação artística.

Durante a atividade “Verdade, verdadinha”, para crianças dos dois aos quatro anos, os mais pequenos tomarão con-

tacto com os seres estranhos retratados nas pinturas de Júlio Reis Pereira.

Quem se interessar por “A outra face do rosto”, para crianças dos cinco aos sete anos, participará numa oficina de expressão plástica que, inspirada na obra de Narelle Jubelin, ensinará a construir, através da colagem de têxteis, máscaras com duas faces. ■

VERDADE, VERDADINHA

ÀS 10H E ÀS 11H30

A OUTRA FACE DO ROSTO

ÀS 10H



Elementos de Psicopatologia Explicativa

J. L. Pio Abreu

O livro de J. L. Pio Abreu, uma edição de novembro de 2012 da Fundação Calouste Gulbenkian, baseia-se numa “prática psiquiátrica generalista e numa permanente reflexão sobre essa prática”. Psiquiatra clínico há mais de quatro décadas, professor agregado e regente da cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Pio Abreu tem neste livro o culminar de cinco anos ao longo dos quais se dedicou a escrever um livro diferente dos habituais compêndios desta disciplina. Com *Elementos de Psicopatologia Explicativa* tenta “descrever as doenças psiquiátricas conhecidas” procurando, no entanto, distinguir-se através de uma abordagem que foge ao procedimento tautológico habitualmente seguido. Assim, esta obra funciona antes como o testemunho autorizado de um profissional em fim de carreira, que deixa uma “visão global” daquelas que foram as suas aprendizagens. *Elementos de Psicopatologia Explicativa* está também para a psicopatologia explicativa como *Introdução à Psicopatologia Compreensiva*, obra escrita pelo mesmo autor há 20 anos, está para a abordagem que o respetivo título refere.

A organização da obra agrupa as patologias pela similaridade dos mecanismos psicopatológicos gerais, descrevendo-as segundo a estrutura usual do modelo médico. O livro está dividido em seis grandes capítulos: As doenças mentais e a sua classificação; As psicoses orgânicas e o sentido territorial; A formação do eu e suas patologias; Patologias do humor: sincronização e interação; Reações à ameaça: mecanismos paranoides e fóbicos; e Impulsos e consciência: mecanismos obsessivos e impulso-dissociativos. O texto apresenta ainda caixas nas quais estão desenvolvidas contribuições de outras disciplinas, desde a bioquímica até às neurociências, relativamente à génese e ao tratamento das patologias, bem como, em alguns casos, elementos de contextualização histórica que podem ajudar à prática clínica. Aprofundado e extenso, sem deixar de ser claro, este livro vem preencher uma lacuna no que diz respeito à literatura existente e promete interessar tanto a leitores especializados como àqueles cujo interesse na disciplina é apenas amador. ■

OUTRAS EDIÇÕES

Gramática da Linguagem Portuguesa

Fernão de Oliveira

A transformação estrutural da esfera pública

Jürgen Habermas

Arquitectura escolar

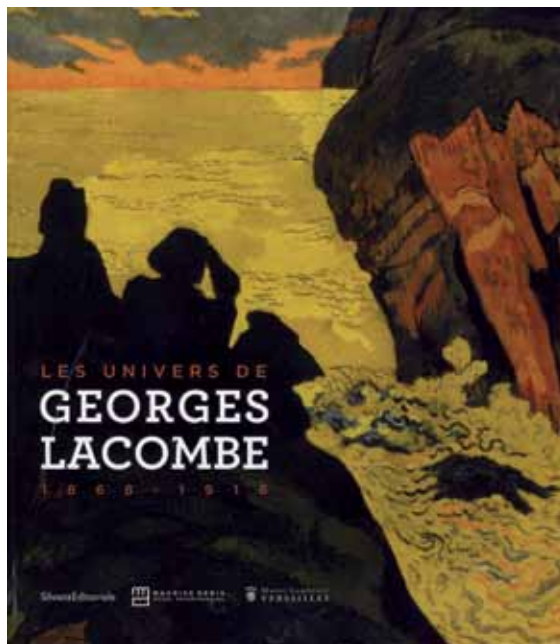
O Edifício Liceu em Portugal (1882-1978)

Maria Alexandra de Lacerda Nave Alegre

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

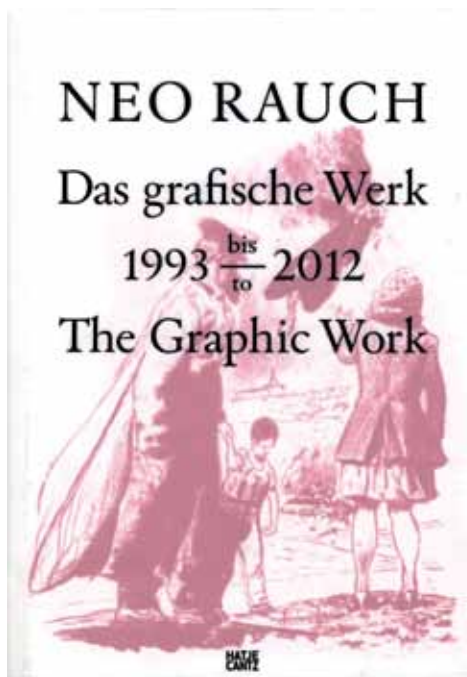
O museu departamental Maurice Denis (Saint-Germain-Laye) e o museu Lambinet (Versalhes) apresentam até dia 17 de fevereiro duas partes de uma exposição retrospectiva dedicada ao pintor e escultor francês Georges Lacombe (1868-1916). Em Versalhes, expõem-se os seus desenhos, tematicamente organizados: retrato, natureza, estudos preparatórios e caricatura; em Saint-Germain-en-Laye, os visitantes podem contemplar cerca de 150 peças, entre pintura, escultura em madeira, esboços e fotografias, cuja organização cronológica e temática enfatiza a evolução estética de Lacombe, marcada sucessivamente pelos seus encontros com os pintores Paul Sérusier e Paul Gauguin e, mais tarde, com o pintor belga Théo van Rysselberghe. Apelidado de “Nabis esquecido” por André Chastel, Georges Lacombe ficou também conhecido na sua época como o “Nabis escultor”, pois embora se tenha igualmente dedicado à pintura e ao desenho, são notáveis os seus trabalhos escultóricos em madeira.

O livro/catálogo publicado por esta ocasião contém diversos ensaios que exploram o multifacetado e pluridisciplinar universo criativo de Georges Lacombe, nomeadamente as suas incursões na poesia e o seu interesse pelo teatro e pela música. Como anexos, publica-se uma biografia ilustrada com diversas fotografias, uma bibliografia seletiva e a lista de obras expostas que o catálogo não reproduz. ■



Em junho de 2012, o artista alemão Neo Rauch (n. 1960) inaugurou em Aschersleben uma exposição que mostra os seus trabalhos gráficos produzidos até àquele ano e que poderá ser visitada até ao próximo dia 3 de março, no espaço da fundação que tem o seu nome: Grafikstiftung Neo Rauch.

Nascido em Leipzig, tendo vivido a infância e a juventude em Aschersleben (cidades da antiga República Democrática Alemã), Neo Rauch é considerado um dos principais artistas alemães contemporâneos e expoente maior da Nova Escola de Leipzig. O seu universo pictórico, de matriz figurativa, é frequentemente conotado com o estilo “social-realismo” com matizes surrealistas. O catálogo desta exposição – uma edição bilingue, em alemão e inglês – é, em simultâneo, o catálogo da produção gráfica de Neo Rauch entre 1993 e 2012, contendo para cada gravura uma ficha de identificação e respetiva reprodução (a cores). Completam-no ainda textos de Kerstin Wahala, galerista e presidente da fundação, e do cineasta Rudij Bergmann, uma entrevista a Rauch, realizada pelo jornalista Wolfgang Bücher, assim como um pequeno glossário com termos de técnicas de gravura e uma biografia do artista. ■



Centro de Arte Moderna

Espera

Natural de Vila do Conde e um colaborador fundamental da revista Presença nas ações e organização gráfica das edições do grupo, desde o seu início em 1927, Júlio dos Reis Pereira (1902-1983) desenvolveu um trabalho dotado de propostas que à época o tornam uma figura singular na arte portuguesa.

A coexistência do Poeta, sob o pseudónimo de Saúl Dias, e do Pintor Julio (sem acento), está presente em cada obra, permitindo a construção de uma singularidade e proporcionando a sensação de ocupação de um espaço único na arte portuguesa.

A pintura *Espera*, de 1930, faz parte da primeira fase da pintura de Julio, que começa a pintar a óleo em 1922 e deixa de pintar em 1935 (retomando a pintura na década de 1950), ano em que realiza a sua primeira exposição individual na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Nesta obra, as cores vibrantes e contrastadas pelo recorte das formas a negro, em que não são só as cores fortes e o traço negro que exprimem uma força do desenho e do gesto, mas também a luminosidade intrínseca que emanam, marcam esta primeira fase pictórica no trabalho de Julio.

No primeiro plano, as duas figuras volumosas retratam a vida mundana, da boémia, perante a figura masculina sinistra, macabra, perante uma paisagem citadina distorcida que vai permanecer em muitas telas do pintor; em contraste e oposição a esta imagem que ressalta em primeiro lugar, surgem duas mulheres, numa passividade e trans-

missão de algum lirismo imprevisível. Esta estrutura com sucessivos planos acontece numa série de telas de Julio e um dos elementos que as une é a figura feminina, quer seja expressão de um corpo ideal, mitológico, quer como resultado de um corpo disforme e ausente de sedução.

Tal como na pintura e no desenho de Julio, a presença da mulher é constante na poesia de Saúl Dias:

*Essa figura
que sempre volta sem eu querer
porque abandona a sepultura
do esquecer
e em rosicler
volve e perdura,
iluminando a noite escura
do esquecer?..
Uma vulgar figura de mulher!..*

Esta obra pode ser vista na exposição *A imagem que de ti compus – Homenagem a Julio*, patente no CAM até dia 7 de abril. ■ **Patrícia Rosas**

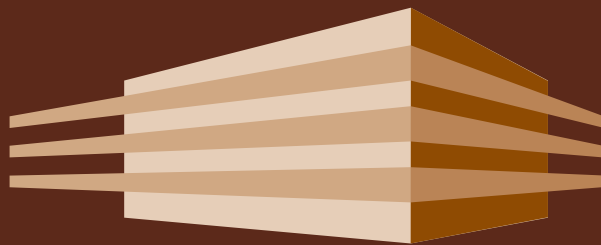
Espera, 1930

Júlio dos Reis Pereira (1902-1983)

Óleo sobre tela; 64,5 x 80,5 cm

Col. CAM Fundação Calouste Gulbenkian; Inv. 80P86





PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN

O Prémio Calouste Gulbenkian, no valor de 250 mil euros, distingue uma instituição ou uma pessoa, portuguesa ou estrangeira, que se tenha destacado na defesa dos valores essenciais da condição humana.

As nomeações devem ser apresentadas até ao dia 15 de abril, através do site www.gulbenkian.pt